

A QUESTÃO DO SUJEITO PARA A LINGÜÍSTICA DA ENUNCIÇÃO E PARA A ANÁLISE DO DISCURSO: UM POSSÍVEL DIÁLOGO

Deise Redin MACK*

ABSTRACT: With the aim of understanding in what extent Enunciation Linguistics (EL) and Discourse Analysis (DA) get closer or apart, in regard to the subject issue, this work will carry out a bibliographical study combined with the main representatives of both linguistic foundations. The works of Benveniste (1995), Ducrot (1987) and Barbisan (2006) and Pêcheux (1988), Orlandi (2009, 2002, 1996) and Indursky (2003, 2002, 1999), for example, are used as theoretical background. After the presentation of the subject question to each one of the perspectives, it is supposed to establish a parallel between the notions and to answer the following matter: In what extent do the EL and DA, settled in the same Research Line, interact?

KEYWORDS: Enunciation Linguistics; Discourse Analysis; subject.

1. Introdução

A Linha de Pesquisa “Língua, Sujeito e História” do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM interessa-se por estudos enunciativos e discursivos. Sabe-se que os limites dessas áreas em alguns pontos são tênues e que em outros são divergentes. No entanto, elas estão configuradas, no referido Programa de Pós-Graduação, como pertencentes a um mesmo grupo de trabalhos/pesquisa. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo comparativo de matiz teórico entre a Linguística da Enunciação (LE) e a Análise do Discurso (AD), com a finalidade de entender de que forma essas correntes teóricas se relacionam e em que medida se aproximam ou se distanciam no que diz respeito à questão do sujeito.

Para o desenvolvimento deste estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica junto às principais obras fundantes dessas duas teorias linguísticas, para que se possa esboçar o que se apreende por sujeito em uma e outra perspectiva teórica. Num primeiro momento, será feita a apresentação das noções que se aproximam à questão do sujeito para a LE, trazendo, para a discussão, representantes como: Benveniste (1995), Ducrot (1987) e Barbisan (2006). Posteriormente, será mostrado o entendimento da noção de sujeito para a AD, recorrendo aos estudos de Pêcheux (1988), Orlandi (2009, 2002, 1996) e Indursky (2003, 2002, 1999). A partir desse ponto, as concepções serão relacionadas paralelamente, na tentativa de destacar aproximações e distanciamentos entre elas. Diante dos resultados deste trabalho, procurar-se-á levantar possíveis respostas para a seguinte problemática: Em que medida a LE e a AD, instauradas numa mesma Linha de Pesquisa, dialogam?

Justifica-se esta pesquisa, em primeiro lugar, porque procurará levantar algumas reflexões sobre a questão do sujeito, um dos pilares da disciplina “Sujeito e Discurso – Módulo I”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, que deu origem a este trabalho. Em segundo lugar, a preocupação com as questões do sujeito vai ao encontro tanto do projeto de mestrado da autora, quanto dos trabalhos que constituem a Linha de Pesquisa “Língua, Sujeito e História”. Já a comparação entre a concepção de sujeito na LE e na AD

* Mestranda em Letras – Estudos Linguísticos; Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

tem o intuito de fortalecer algumas definições concernentes a essas duas teorias uma vez que são a base dos estudos da referida Linha de Pesquisa.

2. A noção de sujeito para a Linguística da Enunciação (LE)

Muito se vê, nas produções acadêmicas pertencentes à Linguística, a ideia de que o corte saussureano “expulsa o sujeito da perspectiva científica” (DOSSE, 1993, p. 73). Não se quer aqui discutir se Saussure tinha o propósito de excluir ou não o sujeito, o que se pretende é tornar presente o fato de que realmente, o *Curso de Linguística Geral* (CLG) não apresenta uma discussão aprofundada acerca da subjetividade. Sabe-se também, que a partir da publicação do CLG, outras teorias se formularam. Émile Benveniste, por exemplo, desenvolve seus trabalhos a partir das ideias postas no CLG. Em sua conhecida obra *Problemas de Linguística Geral*, entre outras coisas, trata da questão do sujeito. Segundo Flores et al (2009, p. 219), as considerações sobre a subjetividade em Benveniste são diversas, uma vez que ele “teorizou sobre o tema em vários contextos teóricos, ao longo dos mais de trinta anos de trabalho”.

Dessa forma, tomou-se por base o texto “Da subjetividade na linguagem”, já que, como o próprio título explicita, é fundamental para elucidar a questão da noção de sujeito. Nesse texto, Benveniste afirma que a linguagem é característica do homem e que a intersubjetividade lhe é intrínseca. Assinala também que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Observa-se aí que a linguagem é condição e meio para a constituição do sujeito. Se a subjetividade, para Benveniste (1995, p. 286), “é a capacidade do locutor para se propor como sujeito”, é através da linguagem e nela que isso acontece. Portanto, segundo o autor, o sujeito deixa suas marcas linguísticas nessa passagem (categoria de pessoa, tempos verbais, pronomes...).

De acordo com Benveniste (1995, p. 286), “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste”. Assim, a intersubjetividade se faz presente, uma vez que existe um “eu”, porque se está dirigindo a um “tu” em alocução. Segundo Benveniste, é nesse diálogo que a categoria de pessoa e, assim se entende, as demais marcas linguísticas se instauram. Desse modo, a questão do sujeito em Benveniste é vista como uma questão linguística, o sujeito da enunciação apropria-se da língua e a coloca em funcionamento. Verifica-se, com isso, que o sujeito de Benveniste é um sujeito linguístico.

Barbisan (2006, p. 28) ajuda a esclarecer e confirmar essa questão quando destaca que

ao se apropriar individualmente do *aparelho formal da língua*, o locutor enuncia sua posição com marcas linguísticas específicas. Como tal, ele implanta o outro, o *alocutário*, diante de si. Cada produção de discurso constitui um centro de referência interna. Nele emergem marcas de *pessoa* (relação *eu-tu*), de ostensão, de espaço e de tempo, em que eu é o centro da enunciação.

Oswald Ducrot, outro importante ícone das teorias enunciativas, foi aluno de Benveniste, e, assim como seu mestre, parte dos postulados saussureanos, mesmo que discordando deles, para elaborar seus trabalhos. Assim como Benveniste, Ducrot fala em locutor, mas para este “locutor é o sujeito responsável pelo enunciado” (FLORES et al, 2009, p. 158). No seu texto “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”, contido n’*O dizer e o Dito*, Ducrot postula que existem no enunciado três funções diferentes: a do sujeito empírico, a do locutor, e a do sujeito falante, as quais Barbisan sintetiza com muita propriedade. O *sujeito empírico*, que, para Ducrot, numa perspectiva enunciativa, não interessa, “é o autor efetivo do que é produzido. (...) O *locutor* é o responsável pelo enunciado, no qual ele se

marca com a primeira pessoa. O *enunciador* é a origem dos *pontos de vista* que o locutor apresenta” (BARBISAN, 2006, p. 30-31).

O sujeito de Ducrot, portanto, é representado de diferentes formas no sentido do enunciado e a enunciação pode ser atribuída a um ou mais sujeitos, por isso teoria polifônica. O locutor pode ser desmembrado em locutor enquanto ficção discursiva (L), responsável pela enunciação e que está no nível do dizer, e em locutor enquanto ser no mundo (λ), que é a origem do enunciado, que representa discursivamente o ser empírico, identificável por meio de L, e que está no nível do dito. “A identificação dos enunciadores somente é possível por intermédio do locutor, que pode ou não concordar com os enunciadores” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 66). Assim, na construção do sentido, o locutor apresenta os enunciadores (pontos de vista) e, depois, explicita a relação que assume diante deles.

Barbisan (2006), relacionando Benveniste e Ducrot, afirma que na teoria enunciativa de Benveniste o sujeito é o centro de referência e que o aparelho formal da enunciação marca sua subjetividade na estrutura da língua. Já na teoria da argumentação na língua Ducrot focaliza “a construção da argumentação como modo de enunciação do locutor” (BARBISAN, 2006, p. 34). Observa-se, com isso, mais uma vez, que é o sujeito que deixa suas marcas da enunciação no enunciado, possibilitando à LE o estudo dos efeitos de sentido a que esse processo dá origem.

Mas o que se quer mesmo neste momento? Pretende-se apresentar a noção de sujeito para a LE e, sobre esse ponto, Flores e Teixeira (2008, p. 11) buscam deixar claro que “as teorias da enunciação estudam as marcas do sujeito no enunciado e não o próprio sujeito”, sendo, essas marcas, marcas da enunciação. Normand (1996), referindo-se a Benveniste, já salientava que a teoria da enunciação prevê um sujeito, mas que não faz teoria sobre ele, e sim sobre o sentido.

O objeto de estudo da LE é a enunciação, o que parece óbvio, mas que vale a pena ser ressaltado. Isso porque a enunciação é constituidora de um processo em que é necessário um sujeito que enuncia e que deixa marcas linguísticas no enunciado. Entretanto, não é o sujeito o seu objeto, mas a representação dele no enunciado, a “enunciação do sujeito” Flores e Teixeira (2008, p. 108). A LE precisa levar em conta o sujeito e o que ele disse para chegar à enunciação, mas é apenas esta que contempla o seu objeto de estudo. É através do estudo do enunciado (o dito pelo sujeito) que se pode observar a enunciação (o dizer). E a representação do sujeito que a enunciação dá é que é interessante para a LE.

Não tendo a LE tomado o sujeito como objeto de estudo, torna-se difícil encontrar uma única perspectiva sobre a conceituação desse termo, não é possível explicitar somente uma definição para o termo. Essa variedade de concepções está atrelada aos diferentes representantes que formulam teorias da enunciação, a começar por Bally, passando por Bakhtin, Jakobson, Benveniste, Ducrot e Authier-Revuz, conforme apontam Flores e Teixeira (2008). O que se pode dizer, portanto, é que o sujeito, na LE, não é o sujeito empírico, mas uma representação que se mostra no enunciado através da materialidade linguística.

3. A noção de sujeito para a Análise do Discurso (AD)

Como será possível apresentar a noção de sujeito para a AD sem incorporar a sua teoria, esquecendo que não se é autor do dizer e que não se pode controlar todos os sentidos? Não é uma tarefa fácil adentrar no campo da AD sem feri-la, a não ser que se faça uso de suas noções. Vai-se trazer presente neste estudo a ideia que se o sujeito não incorre nesses esquecimentos, não discursiviza, e quanto maior for o esquecimento, mais o sujeito se pronuncia. Desse modo, este trabalho, além de pressupor os esquecimentos, vai se valer o tempo todo da paráfrase, pois tudo o que se vai dizer de novo, com outros movimentos, já foi

dito. “São as mesmas [maneiras em que sentidos e sujeitos significam] mas, ao mesmo tempo, sempre outras” (ORLANDI, 2009, p. 36)

Foi em Michel Pêcheux que a AD encontrou a sua filiação teórica mais importante. Acerca da questão do sujeito, Pêcheux (1988, p. 163) afirma que “a interpelação em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. De outra forma, Orlandi (2002, p. 66) diz que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia”. Percebe-se, com isso, que para compreender a noção de sujeito na AD é preciso conhecer também outras noções, visto que, nessa perspectiva linguística, os conceitos se interligam como numa rede.

Em primeiro lugar, a AD entende que “o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 17). A ideologia se materializa o discurso e o discurso se materializa na língua (ORLANDI, 2009, p. 17) e, para produzir sentidos no discurso, o sujeito da AD é assujeitado, ou seja, “é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso (...): pode tudo dizer com quanto que se submeta à língua para sabê-la” (ORLANDI, 2009, p. 50). A base do assujeitamento é essa, um sujeito que não fala por si, mas de acordo com a ideologia a que se assujeita. Fica evidente que o sujeito da AD não possui intenção alguma, ele só diz o que a ideologia que o domina permite que ele diga.

Outro conceito mobilizado pela AD, que será útil para a compreensão da questão do sujeito nesta vertente teórica, é o de Formação Discursiva (FD), definida por Indursky (2003, p. 102) como um domínio de saber que determina o que pode e o que deve ser dito. Uma vez inscrito em uma FD, o dizer do sujeito é regimentado pela formação ideológica da FD que o determina. A FD manifesta no discurso a formação ideológica do sujeito, levando em conta as condições de produção do enunciado. Sendo assim, conclui Orlandi (1996, p. 31): “não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia”. E a ideologia não é exterior ao discurso, mas é constitutivo deste. A partir disso, a ideologia põe em funcionamento dois esquecimentos pensados por Pêcheux e retomados, no Brasil, por Orlandi.

O primeiro esquecimento, “esquecimento ideológico” (ORLANDI, 2009, p. 35) refere-se à evidência de que o sujeito é sempre já sujeito, isto é, ele esquece as causas que o determinam enquanto tal, esquece que não é a origem, que não é dono do seu dizer. O segundo, “esquecimento enunciativo” (ORLANDI, 2009, p. 35), aponta para a evidência do sentido, de forma que o sujeito acredita ter controle sobre os sentidos do que diz. Sem o funcionamento desses esquecimentos, o sujeito da AD não discursiviza, pois não se sente capaz de dizer algo que não seja novo, que já não tenha sido dito em outros lugares, e porque sabe que não será capaz de limitar apenas um sentido para o seu dizer.

Indursky (2002) apresenta muito bem uma outra noção pechetiana que será muito útil neste momento, a saber, a forma-sujeito. O modo como o sujeito se identifica com a FD em que está instaurado, é o que a autora, balizada em Pêcheux, chama de forma-sujeito, que será responsável pela ilusão de unidade do sujeito. A forma-sujeito é um comportamento do sujeito diante da identificação com a FD e o sujeito assume a forma-sujeito de acordo com a sua relação com a ideologia dominante. Quando o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, é a forma-sujeito histórica que se constitui. Mas se essa forma-sujeito uma vez constituída resiste à interpelação ideológica, ele é estabelecido, novamente, mas diferentemente, como indivíduo.

Tendo em vista a interpelação do sujeito pela ideologia, Indursky (2002) apresenta três modalidades de tomada de posição do sujeito em relação à ideologia que o domina, trabalhadas por Pêcheux. Na primeira modalidade, o sujeito identifica-se plenamente com a forma-sujeito da FD que o assujeita. Nesse caso, ele é visto como o “bom sujeito”. Em outras discussões, Pêcheux vai dizer que não há identificação plenamente bem sucedida e que não há

dominação sem resistência. Na segunda modalidade, há um distanciamento do sujeito, havendo uma contestação dos saberes inscritos na FD. Aqui o sujeito é tido como “mau sujeito”. Já na terceira modalidade, o sujeito se desidentifica com a forma-sujeito da FD.

Pensando na resistência do sujeito à ideologia, Orlandi (2002, p. 70) desenvolve a noção de individualização. Da mesma forma que o sujeito é interpelado pela ideologia, há um processo de individualização do sujeito por parte do Estado. O sujeito não consegue resistir à interpelação ideológica, porque ele só se constitui enquanto sujeito quando assujeitado à língua e à ideologia. No entanto, mesmo que o sujeito resista ao processo de individualização por parte do Estado, a sua ideologia continua funcionando. Vale ressaltar o que enfatiza Orlandi ainda nesse texto:

É dessa maneira complexa que podemos pensar a questão do sujeito, da ideologia e da resistência como algo que não se dá apenas pela disposição privilegiada de um sujeito que, então, poderia ser “livre” e só não o é por falta de vontade... Ou, o que dá no mesmo, que, sem ideologia, seríamos felizes para sempre. (ORLANDI, 2002, p. 72)

Sendo assim, pode-se concluir que, o sujeito da AD é uma imagem do sujeito empírico projetada no discurso, um sujeito assujeitado pela ideologia que o domina, um sujeito social e histórico e, ainda, dotado de inconsciente. O sujeito da AD, portanto, não possui intenções, ele discursiviza de acordo com a sua formação social, histórica e ideológica.

4. Em busca de um possível diálogo entre LE e AD: a questão do sujeito

Neste tópico, procurar-se-á estabelecer um paralelo, explicitado através da Figura 1, entre as duas perspectivas linguísticas apresentadas, salientando em que medida elas se aproximam ou se distanciam no que diz respeito às questões do sujeito. Diante disso, será lançada uma tentativa de resposta à pergunta que norteia este trabalho, comentando a instauração de uma Linha de Pesquisa que contempla a LE e a AD.

Aproximações	Distanciamentos
Contemplam o sujeito.	
LE e AD – não estudam o sujeito empírico.	LE – pressupõe um sujeito dotado de intenção. AD – prevê um sujeito dotado de inconsciente, assujeitado.
LE – permite manter interfaces com outras áreas. AD – disciplina de entremeio, que respeita os limites das outras áreas.	
LE – preocupa-se com os efeitos de sentido no enunciado. AD – preocupa-se com os efeitos de sentido no discurso.	

Fig. 1 – Paralelo entre LE e AD: alguns pontos de aproximações e distanciamentos.

A figura mostra que, focando a questão do sujeito, núcleo de investigação deste estudo, identificou-se que, sobre ele, LE e AD se aproximam, em primeiro lugar, porque ambas o concebem em suas formulações teóricas. A LE “inclui em sua reflexão as questões relativas à subjetividade, ponto este excluído por princípio das lingüísticas formalistas” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 99). A AD, por sua vez, questiona “o que é deixado para fora no campo da lingüística: o sujeito e a situação” (ORLANDI, 1996, p. 26).

Nesse sentido, tanto LE, quanto AD, preveem o sujeito, mas não exploram efetivamente o sujeito empírico como constituidor de seus objetos de análise, pois ele não é objeto de estudo dessas teorias, e sim de outras, como a Pragmática, a Psicologia, a Psicanálise, entre outras. Como já foi visto, para Ducrot, o locutor é o ser responsável pela enunciação, diz respeito a uma ficção discursiva, diferentemente do autor empírico, embora possa coincidir com este no discurso oral (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 65). E, segundo Orlandi (1996, p. 26), “não é vigente, na Análise de Discurso, a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo”. Encontra-se aí a segunda aproximação entre as referidas teorias lingüísticas identificada neste trabalho.

Contudo, nesse mesmo aspecto, o do sujeito, LE e AD se distanciam, porque enquanto aquela prevê um sujeito dotado de intencionalidade, esta o concebe como assujeitado a uma ideologia e interpelado pela linguagem. Além disso, para a LE, o sujeito fala por si, na AD, o sujeito fala pela formação discursiva em que se inscreve, não é a origem do seu dizer e não tem controle sobre todos os sentidos, embora precise esquecer-se disso para se constituir discursivamente. O sujeito da AD que resiste à ideologia, mas que é individualizado pelo Estado em virtude disso, tende a ser o sujeito que a LE concebe, visto que este manipula a linguagem para alcançar as suas intenções. O sujeito da LE controla o seu dizer deixa marcas da sua enunciação no enunciado através do lingüístico.

Outra reflexão que se pode fazer, pensando em aproximações e distanciamentos entre AD e LE, no que concerne ao sujeito, parte de uma ideia trazida por Orlandi (1996). A autora, em sua importante obra para os estudos do discurso, já utilizada neste estudo, *Interpretação*, afirma que “se as ciências se constituem pressupondo uma certa noção de linguagem e de sujeito, é na transformação dessas noções que também está o deslocamento de seus (delas) limites e, conseqüentemente, de suas relações” (1996, p. 23). Nesse mesmo texto a autora caracteriza a AD como sendo uma disciplina de “entremeio”. Em princípio, Orlandi (1996, p. 24) considera esse termo como o que é interdisciplinar, mas a autora chama a atenção para o fato de que

a interdisciplinaridade dá idéia de instrumentalização de uma disciplina pela outra (ainda que na bidirecionalidade). Não é o caso das disciplinas de entremeio como a análise de discurso. Não é na instrumentalização mas, como dissemos, em um campo de contradição que ela se forma, aproveitando, diria eu, a outra disciplina, ao revés.

Dentre outros fatores, parece que é aí, nesse terceiro ponto, que reside uma possibilidade de incorporar LE e AD numa mesma Linha de Pesquisa de um Programa de Pós-graduação. Barbisan (2006) aponta que Benveniste e Ducrot, por exemplo, possuem em comum o fato de que partem de conceitos saussureanos para conservá-los em parte, reformulá-los e até mesmo modificá-los. Tanto isso é verdade que nestes teóricos a questão do sujeito, que em Saussure não foi desenvolvida, passa a ganhar espaço. Pêcheux também, de acordo com Orlandi (1996), parte dos escritos anteriores a ele, pois incorpora o sujeito que Saussure não contemplou no CLG e discorda da forma como é tomado o sujeito em Benveniste. Levando em conta o que Orlandi afirmava, pode-se dizer que Pêcheux apóia-se

nessas teorias, em especial a enunciativa, para propor algo diferente. Entretanto, a LE é uma teoria que possui representantes que possuem enfoques os mais variados, abrindo, assim, espaço para relações com outras teorias linguísticas.

Por fim, diante da aproximação tênue entre LE e AD no que diz respeito ao sujeito e ao se estudar um pouco dessas duas linhas teóricas, verificou-se que talvez não seja o sujeito o ponto que as une numa mesma Linha de Pesquisa, mas, além das relações interdisciplinares, na concepção discursiva do termo, no desejo de compreender os sentidos que são produzidos pelos sujeitos na língua. Acerca dos efeitos de sentido, já foi mostrado neste estudo que a LE preocupa-se não com a descrição do sujeito, mas do sentido que suas marcas deixadas no enunciado produzem. Flores e Teixeira (2008, p. 99) afirmam que “o que caracteriza a linguística da enunciação é a abordagem do fenômeno enunciativo na linguagem desde um ponto de vista que considere o sujeito que enuncia”.

Já “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2009, p. 15). Orlandi (1996) ainda diz que o sentido não está fixado na materialidade linguística, nem em qualquer coisa, mas na determinação histórica e num entremeio. Em oposição a essa ideia, mas, do mesmo modo, nesse aspecto filia-se, sob a perspectiva da LE, o trabalho de mestrado da autora, que busca identificar os efeitos de sentido que a utilização de conectores aditivos no gênero ensaio produz na construção da imagem do sujeito. Entende-se que a produção de sentidos está ligada diretamente à materialidade linguística que deixa marcas da enunciação do sujeito no enunciado.

5. Considerações finais

Ao se debruçar sobre os estudos necessários para a elaboração deste artigo, surgiu a seguinte questão: Será possível aproximar LE e AD tendo em vista a questão do sujeito? Essa dúvida pairou de início, pois se percebeu que uma e outra perspectiva tinham concepções muito distintas acerca do termo. Mas uma problemática maior motivava a continuidade do trabalho: O que faz com que LE e AD sejam constituidoras de uma mesma Linha de Pesquisa? Dessa forma, seguiu-se o estudo do sujeito em ambas as teorias linguísticas e identificou-se que há, sim, como estabelecer um diálogo entre elas.

Verificou-se, num primeiro momento, que, com relação à subjetividade, tanto a LE quanto AD pressupõem um sujeito, que não havia sido alvo de estudos no CLG, obra de referência para os estudos linguísticos. Ao mesmo tempo, destacou-se o fato de que ambas, mesmo levando em conta o sujeito, não exploram o sujeito empírico, este é objeto de outras teorias que não a LE e a AD.

Constatou-se, também, já pensando nos distanciamentos entre LE e AD, que apesar de o sujeito estar contemplado em ambas, elas o entendem de maneira bastante diferente. Enquanto LE concebe um sujeito dotado de intenções, a AD prevê um sujeito assujeitado pela ideologia que o domina.

Notou-se, durante a pesquisa acerca do sujeito na LE e na AD, que também em outros aspectos havia a possibilidade de diálogo entre as teorias. Um deles é, em virtude da diversidade de representantes, com variados enfoques que tem a LE, a possibilidade de se estabelecer relações com outras perspectivas. Um segundo compreenderia a definição da AD como disciplina de entremeio, que respeita os limites das outras áreas com que se relaciona. E, por fim, o terceiro, e mais importante, seria a preocupação com o estudo dos efeitos de sentido que emergem no enunciado e/ou no discurso.

Por conseguinte, notou-se, através deste estudo, que LE e AD podem dialogar e colaborar entre si por meio dos trabalhos desenvolvidos em uma ou outra área. Conclui-se,

dessa forma, que o Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM não tendia ao absurdo quando incorporou a LE e a AD na Linha de Pesquisa “Língua, Sujeito e História” e só tem a ganhar com as produções oriundas desses dois olhares sobre a Linguística.

Referências

- BARBISAN, L. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. *Letras*. Santa Maria, v. 2, n. 33, p. 23-35, 2006.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- DOSSE, F. *História do Estruturalismo*. I. O Campo do Signo, 1945/1966. São Paulo: Ensaio/UNICAMP, 1993.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B.; FINATTO, M. J. B.; TEIXEIRA, M. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*. Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-120, 2003.
- _____. A Noção de Sujeito em Análise do Discurso: do desdobramento à fragmentação. *Anais do XV Encontro da Anpoll de 2000*. Porto Alegre, 2002.
- _____. De ocupação à invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. *Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.
- FERREIRA, M. C. L. *Glossário de Termos do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- NORMAND, C. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E. M.; RABELO, S. (Orgs.) *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.
- ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2009.
- _____. Do Sujeito na História e no Simbólico. In: ORLANDI, E. P. *Língua e Conhecimento Lingüístico: Para uma História das Idéias no Brasil* São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1988.